

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*
WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*

Conselho Consultivo

FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR
FRANCISCO GROS
JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO
JORGE HILÁRIO GOUVEA VIEIRA

DACIO MALTA — *Editor*

MANOEL FRANCISCO BRITO — *Editor Executivo*
ROSENAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*
ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

SÉRGIO RÉGO MONTEIRO — *Diretor*

Brasil Justo

O discurso de posse do novo presidente foi o compromisso assumido perante o povo brasileiro de que o desenvolvimento econômico e social se fará em liberdade e em nome da justiça.

A democracia política está consolidada, não há hoje quem conteste as liberdades e os princípios constitucionais da sociedade aberta. O Brasil acaba de recuperar a confiança no desenvolvimento, a fé no crescimento auto-sustentável. Falta-nos a justiça social, em nome da qual não há mais quem ouse hipotecar o estado de direito ou pregar autoritarismos salvacionistas.

Saldar a dívida social, vencendo a fome, a doença e a ignorância, é o maior desafio brasileiro deste final de século. Assim Fernando Henrique interpreta o mandato que lhe foi conferido pelo voto livre da esmagadora maioria de seus concidadãos, marcados pela exclusão — pela humilhação das filas dos hospitais, pelos salários infames, pelas escolas deficientes, por moradias precárias.

O novo presidente se comprometeu a governar para todos. Mas, em face dessa prioridade absoluta, disse corajosamente que, se for preciso acabar com privilégios para fazer justiça a milhões de brasileiros, ficará ao lado da maioria.

Significa dizer: as tarefas de modernização das instituições e da economia terão de se coadunar com o projeto de uma sociedade mais solidária e fraterna. Os únicos obstáculos importantes a esse objetivo situam-se nas desigualdades extremas entre regiões e grupos sociais, realidades muito humanas que se traduzem em índices abstratos nas estatísticas dos tecnocratas.

É sabido que tecnocratas não costumam se preocupar com cidadania, capacidade crítica da população, consciência de direitos civis. Mas mesmo eles descobriram tardiamente que, no mundo de hoje, como acentuou Fernando Henrique Cardoso, o desenvolvimento não se mede pela quantidade das coisas que produz, mas pela qualidade da atenção que um país dá à sua gente e à sua cultura. Num mundo fluido e fragmentado o cimento das nações é a identidade cultural.

A constatação conduz ao resgate da cidadania pela educação, pela reorganização da administração pública, pela cooperação da opinião pública. O presidente tem razão de sublinhar que os meios de comunicação, depois da luta pela democracia e pela moralidade na vida pública, têm agora a tarefa primordial de zelar por uma sociedade justa.

Vale a pena reiterar a função desse esforço pedagógico nas palavras de Fernando Henrique Cardoso: "Quando os brasileiros puderem ser mais informados; quando puderem ser mais críticos das políticas postas em prática do que do folclore dos fatos da vida cotidiana, quando puderem pôr mais em perspectiva os acontecimentos e cobrar mais coerência da ação do que fazer julgamentos de intenção, mais capacitados vão estar para o exercício da cidadania."

Só esse mutirão cívico, unindo governos e comunidades, será capaz de assegurar direitos iguais aos iguais. Temos de participar dele e exigir que o progresso econômico se traduza na equanimidade e no fim dos privilégios. Só isso conferirá credibilidade ao novo governo que se inicia.